

Recuerdo que mi madre me decía, cuando apenas seis años mal contaba, que en su altar, que la fe transfiguraba, fuera la Virgen la madrina mía.

Después – aun lo recuerdo – ¡que alegría en sus celestes ojos contemplaba! Ojos verdes, cual verde adivinaba la Esperanza que se me aparecía.

Pasan veintidós años, desengañados se acumulan en mí, duelos y enojos en mi camino sin cesar afloran...

Y con nostalgia pienso en mis seis años, y percibo, en el luto de mis ojos, los ojos verdes que afligidos lloran.

Jorge de Lima 1895-1953, Recuerdo de infancia

Es tarde y en el sol que desfallece, en agonía lánguida y silente, el horizonte amplio resplandece armonioso, en coral incandescente.

Todo se aquieta luego y adormece... Una tristeza indefinida, ardiente, lo inunda todo, y en la sombra crece la larga noche misteriosamente.

En el dulce frescor que el campo baña la luz no es más, besando la montaña, que un vago colorido de carmín.

Gime el agua, en rumores, su dolora, y una fuente en la sombra lenta llora la misma angustia que solloza en mí.

Maria Eugenia Celso 1885-1963, Crepúsculo

¡La gran verdad fatal que me prende y domina!
¡La gran verdad fatal que me abate y tortura!
¿Por qué habrá de ser siempre la misma pequenina, la misma humana y, siempre, irrisoria criatura?

Cuando pienso alcanzar con mi pobre retina la existencia pasada y la vida futura, vuelvo a perderme en sombra que hierre y que alucina, en negra sombra, en sombra inmensamente oscura.

Soy como todos son, pero el alma me obliga a vivir mi dolor, mi insostenible hechizo, la tortura cruel que me oprime y fatiga.

Y el alma, que me tiene la cabeza incendiada, jamás puede creer que la Nada me hizo y que puedo algún día acabar en la Nada.

Octavio Tavares, ¡Veritas!

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIV, Nº 03 – 2010, MARÇO
Assinatura até 31.12.10: 9 selos postais de 1º Porte Nacional
Não-comercial (R\$ 0,70) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.
Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haicu.sf.nom.br

Siempre hay baile
(en el estrecho
y al que baila le parece
que es Algeciras
la que se mece.

Y Algeciras se está quieta
frente al inglés,
(frente al moro,
clavándose la peineta.

Gerardo Diego 1896-1987, Algeciras,
Versos Escogidos, 1970
Editorial Gredos, S.A., Madrid

A lua, com seu clarão,
iluminou minha porta...
Acabou-se a solidão,
imensa Luz me conforta!
Amália Marie Gerda Bornheim
Clássicos Contemporâneos, 2009
escritoresbrasileiros@gmail.com

Zilda Arns, todo o exemplo
que nos deixa é dos mais nobres.
Até na morte... num templo,
ensinando a amar os pobres!
Jeanette De Cnop, 1002
Trovia
alu@mgalink.com.br

É maluco quem confia,
um só, pouquinho, em você,
que é fingida em demasia,
finge até que não me vê...
João Batista Serra, 0906 Trinos
do Pitiguari, R. Guanabara 542
59014-180 – Natal, RN

Quando a vida aperta o cerco
nos ideais que eu persigo,
quanto mais combate eu perco,
tanto mais lutando eu sigo.
Marina Bruna, 0912 A Voz
da Poesia: Rua dos Bogaris 183
04047-020 – São Paulo, SP

Meu coração enfiado
de amor e fantasia
tem uma safena do lado
transportando poesia.
Waldir Rodrigues, 0910
Binóculo
jbatista@unifor.br

No Senado da República
há quem faça o que lhe agrada,
ao fazer da vida pública
uma extensão da privada.
Ziver Ritta, 1001
Fanal, Rua Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo, SP

Na distante mocidade
não vivi tão só assim...
Agora, até a saudade
parece fugir de mim!

Em nossa avançada idade,
o antigo ardor fica ausente,
e surge, então, a saudade,
que lembra o sol no poente.

Nesta noite sinto frio
e em você fico a pensar:
dos meus olhos nasce um rio
que a saudade leva ao mar.

Tenho saudade da rua
daqueles anos passados,
naquele tempo em que a lua
encantava os namorados...

Estou só nesta cidade
e há Carnaval na avenida:
vejo um bloco de saudade
desfilando em minha vida!

Poetas de toda idade,
enfrentem tudo sem medo:
cantem o amor e a saudade,
não façam disso segredo.

Edmilson Ferreira Macedo, A Saudade em Minhas Trovas, 2005 – Correspondência: Rua Dr. Plínio de Moraes 494, Cidade Nova, CEP 31170-170; Contato: (0)31 3484-5499

QUIDAIAS DE OUTONO



Cai o alcapão,
preso, debate um pássaro.
Penas voam, soltas.
Amauri do Amaral Campos

Choro do palhaço
feliz no Dia do Circo
causando embaraço.
Fernando L. A. Soares

Chão embranquecido
e o vento continua.
Chuva de paina.
Manoel F. Menendez

Ao longe se vê
encobridno todos os morros
forte cerração.
Maria App. Picanço Goulart

Um grilo pulando
na parede da cozinha.
Criação assustada.
Mª Marlene N. T. Pinto

Dia da Mulher,
na imprensa anunciado.
E-mail de amigos.
Nadyr Leme Ganzert

Manhã de trabalho –
motorista cauteloso
com a nevoaça.
Sílvio Garzano Júnior

HAICUS E M FOLHA



Leve e transparente,
a libélula esvoaça
procurando o lago. L
Alba Cristina

Com asas quebradas,
libélula indo embora
pela correnteza. F
Analice Feitoza de Lima

Uvas e mais uvas
esmagadas com os pés,
num tacho gigante... A
Darly O. Barros

Num cantinho, ao sol,
libélula descansa.
Asas irisadas. W
Djalda Winter Santos

Nas sobras da feira,
indigente tenta achar
um cacho de uvas. F
Flávio Ferreira da Silva

No largo rio
cortando o espelho d'água
libélula voa. L
Larissa Lacerda Menendez

Gotas de ametista –
imenso cacho de uvas
se desfaz na mão. L
Renata Paccola

Nas águas do rio,
o reflexo da libélula
caçando mosquitos. L
Amália Marie Gerda

Diáfana libélula,
pousada no jasmineiro.
Leveza e perfume. L
Angélica Villela Santos

Uma libélula,
com asas delicadas
voa sobre a água. W
Denise Cataldi

Ao redor do capim
a libélula voa
em busca de insetos. L
Edmilson Felipe

Gotas de chuva
no vidro da janela
águas de março. C
Larissa Lacerda Menendez

Vôo da libélula.
Transparência de cristal.
Criação divina! F
Nadyr Leme Ganzert

Tempestade, lama
e destroços flutuando
nas águas de março. F
Roberto Resende Vilela

Barcos de papel,
correndo pela calçada
nas águas de março. C
Analice Feitoza de Lima

Descendo e subindo
num bailado sobre as águas
libélula voa. C
Argemira F. Marcondes

Pássaros azuis
debaixo da parreira
bicam as uvas. W
Denise Cataldi

No supermercado
a dona de casa
apalpa o cacho de uvas. W
Edmilson Felipe

Mesa farta
uva suada
sobre a mesa. L
Larissa Lacerda Menendez

Nas águas de março,
o lixo nas enxurradas
corre pelas ruas. A
Renata Paccola

Sobre um espelho d'água,
quase lhe tocando a face,
vai e vem a libélula. L
Roberto Resende Vilela

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.03.10, enviar até 3 haicus de quigos: Batata-doce, Bicho-de-pé, Dia do Bombeiro. Até o dia 30.04.10, enviar até 3 haicus de quigos: Benjoeiro em flor, Coruja, Dia do Motorista.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Apto. 82
05010-040 – São Paulo, SP
ou mfmendez@superig.com.br

3. A folha conterá o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

A B E L A V I D A
Alberto Moravia 1907-1990, O autômato, tradução: Manuel Martins de Sá, Livros de Bolso Europa América, Edição 540/1733, 1972 – Gentileza de Roberto de Lucia

A casa ficava numa rua desempedrada e lamacenta, ao fundo da qual se via o campo – verde-azul e ondulado – empalidecer até se confundir com o céu branco. Casas em construção ladeavam a rua, havia por todo o lado covas de cal, andaimes, barricadas sem fundo, vigas; mas, como era meio-dia, os trabalhos esta-

vam suspensos, e os operários, sentados em pequenos muros, comiam os seus casqueiros cheios de conduto, sem falar. Ninguém passava, tudo era silêncio:
“Encontrá-las-emos à mesa”, disse-me Marco, transpondo com precaução as poças de água, “mas olha que é o único momento em que se po-

de encontrar pela certa aquela mulher.” Perguntei-lhe o que fazia ela, e ele respondeu-me que tinha uma loja de modas na cidade e que fora justamente lá que sua irmã, à procura de trabalho, caíra naquela tirânica amizade. “É uma espécie de mulher de negócios”, concluiu, passando a sua mão gigantesca, larga como uma

pá, não pela testa, mas por todo o rosto; “de resto, agora vê-la-ás.”
O apartamento ficava no primeiro andar de um prédio cor-de-rosa, com persianas verde-pistácio. Abriu-nos a porta uma criadita; deixou-nos por um instante numa sala minúscula e pobre, não obstante algumas garridices baratas, e voltou de

